

O LÉXICO DE PASÁRGADA NA POESIA DE MANUEL BANDEIRA

Luci Mary Melo Leon¹

“Vou-me Embora pra Pasárgada” foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome de Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. Estava certo de ter sido em Xenofonte, mas já vasculhei duas ou três vezes a Ciropedia e não encontrei a passagem. O douto Frei Damião Berge Informou-me que Estrabão e Arriano, autores que nunca li, falam na famosa cidade fundada por Ciro, o antigo, no local preciso em que vencera a Astíages. Ficava a sueste de Persépolis. Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas” ou “tesouro dos persas” suscitou na imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias como o “L’Invitation au Voyage” de Baudelaire. Mais de vinte anos quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente esse grito estapafúrdio: “Vou-me Embora pra Pasárgada!” Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo mas fracassei. Abandonei a idéia. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço, como se já estivesse pronto dentro de mim. Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; e também porque parece que nele soube transmitir a tantas outras pessoas a visão e promessa da minha adolescência – essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho o que a vida madrasta não nos quis dar. Não sou arquiteto, como meu pai desejava, não fiz nenhuma casa, mas reconstruí, e “não como forma imperfeita neste mundo de aparências”, uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro e sim a “minha” Pasárgada.

(Homenagem a Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, Presença, 1986 p. 280)

Essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho o que a vida madrasta não quis dar. Bandeira não foi arquiteto como seu pai queria. Mas reconstruiu uma cidade ilustre que deixou de ser a Pasárgada de Ciro para ser a Pasárgada de Bandeira.

A importância desse poema não é simplesmente a redondilha construída à moda do arcadismo, mas no que ele tem de mais representativo da poesia popular. Podemos observar que seus versos são simples sem nenhum esforço artificioso de construção. O poema serve para nos mostrar que o “ir-se embora pra Pasárgada” significa ingressar na vida comum, abandonar-se, ser livre. A fantasia, o “impossível” das imagens por meio das quais o poeta nos transmite a sua vontade de libertação, não nos deve enganar sobre o seu sentido profundamente humano. O poema tem no ritmo apressado e ofegante, dinâmico e violento dos seus versos o sabor das grandes libertações. O poema também tem seu valor pela musicalidade que ele apresenta. Tanto que Bandeira declarou que nunca a palavra cantou por si, e só com a música pode ela cantar verdadeiramente.

Pasárgada é o mundo em que o poeta não é físico. É o grande sonho ou a grande esperança que estejam no mais fundo da alma do homem. Pasárgada é o paraíso do poeta. Lá ele tudo poderá. A mulher que desejava amar. Esta é a idéia principal. É a idéia dominante, que se repete em vários versos. A segunda idéia é a da libertação do mal do corpo. O poeta poderá amar à vontade, como praticar todos atos físicos que a saúde lhe veda no mundo real. Tudo que deveria ter feito enquanto criança. O tempo de menino é reconstruído no seu mundo de imaginação.

Em Pasárgada não poderá haver tristeza nem desalento, pois tudo lhe permitiria o seu rei e livre seria o seu corpo para os prazeres do corpo. A importância do poema transcende a realidade de uma vida triste. É a mistura de momentos paradoxais do poeta. Bandeira remete as imagens da infância e da adolescência pré-física que vivenciou. O poema fala da boêmia e da saúde. Pasárgada não é apenas espaço físico, mas espaço-tempo em que aparece o Recife da infância do poeta, “andar de bicicleta, montar em burro brabo, subir no pau-de-sebo, tomar banhos de mar”.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Pasárgada não pode ser lida como uma simples palavra que de forma aleatória o poeta resolveu dar vida. O seu significado está além de qualquer dicionário. O seu valor é uma vida inteira que poderia ter sido vivida e que não passou de sofrimento e desejos somente idealizados. Só conhecendo a vida de Bandeira é que poderemos encontrar um pouco da inspiração que levou o poeta a viver durante muitos anos em Pasárgada. Em Pasárgada ele iria encontrar a Felicidade. Manuel Bandeira continua em Pasárgada: mais que nunca, os poemas do livro que segue libertinagem vêm datados de Pasárgada, e o mistério mais que nunca domina.

O mundo pode ser e deve ser construído a partir das palavras, porque a vida de cada palavra vai além do seu próprio significado. Só o poeta sente o que cada vocábulo carrega no decorrer do texto. A sua capacidade de conviver com as palavras é exatamente esta: a de dizer tudo com um mínimo ou quase nada. As palavras para Bandeira têm uma missão: a de transmitir a tantas outras a promessa da dor, da infância e da adolescência do poeta. Eis o poema que para Manuel Bandeira já estava pronto somente no seu subconsciente:

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA. (Pág. 222)

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe - d'água.
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 - Lá sou amigo do rei -
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada.

O ponto que pretendemos desenvolver é o léxico, focalizando o levantamento de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios no poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, da obra *Poesia Completa*, reimpressão da 4ª edição, nova Aguilar, 1986. Estabelecimento de um *corpus* colhido da fonte mencionada, segundo critérios de seleção que tomam como referência os *Dicionários Houaiss e Aurélio XXI* e o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, entre outros. A organização dos verbetes tomará como modelo o *Léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce Sant’Anna Martins, *a Lexicologia de Os Sertões*, de Manif Zacharias e o *Vocabulário da Garcia de Resende*, de Ronaldo Menegaz.

Agora focalizaremos alguns exemplos do léxico do poema Vou-me embora pra Pasárgada.

ALCALÓIDE.- s. m. (1858).

Classe de substâncias orgânicas nitrogenadas com características básicas.

Pág. 222- *Tem alcalóide à vontade.*

BRABO.- s. m. (1124).

Bravo; rebelde; feroz.

Pág. 222 - *Montarei em burro brabo.*

CONCEPÇÃO.- s.f. (séc. XV).

Produção; criação.

Pág. 222 - *De impedir a concepção.*

CONTAR.- v. (1292).

1- Falar; dizer.

Pág. 222 - *Pra me contar as histórias.*

2- Relatar; dizer.

Pág. 222 - *Rosa vinha me contar.*

CONTRAPARENTE.- adj. (1727)

Parente por afinidades.

Pág. 222 - *Vem a ser contraparente.*

DEMENTE.- adj. (1789)

Desmiolado; lunático.

Pág. 222 - *Rainha e falsa demente.*

ESCOLHER.- v. (séc. XIII).

Manifestar preferência por alguém ou algo.

Pág. 222 - *Na cama que escolherei.*

EXISTÊNCIA.- s.f. (séc. XV).

O viver; o estar vivo.

Pág. 222 - *Lá a existência é uma aventura.*

FELIZ.- adj. (séc. XIII).

Afortunado; venturoso; ditoso.

Pág. 222 - *Aqui eu não sou feliz.*

GENTE.- s.f. (séc. XIII).

Pessoas; indivíduos.

Pág. 222 - *Para a gente namorar.*

HISTÓRIAS.- s.f. (séc. XIV).

Acontecimentos reais ou imaginários.

Pág. 222 - *Pra me contar as histórias.*

INCONSEQÜENTE.- adj. (1789)

Irresponsável; irrefletido; imprudente.

Pág. 222 - *De tal modo inconseqüente.*

JEITO.- s. m. (séc. XIV).

Solução; emenda; remédio.

Pág. 222 - *Mas triste de não ter jeito.*

MÃE-D' ÁGUA.- s. f. (1716).

Mito ofidico das águas.

Pág. 222 - *Mando chamar a mãe-d'água.*

MENINO.- s. m. (séc. XIII).

Criança ou adolescente do sexo masculino; garoto; guri.

Pág. 222 - *Que no tempo de eu menino.*

MODO.-s. m. (séc. XIV).

Maneira; estilo.

Pág. 222 - *De tal modo inconseqüente.*

MONTAR.- v. (séc. XIII).

Subir; pôr - se em cima de.

Pág. 222 - *Montarei em burro brabo.*

MULHER. – s. f. (1269).
Indivíduo do sexo feminino.
Pág. 222 - *Lá tenho a **mulher** que eu quero.*

NAMORAR.- v. (séc. XIII).
Relacionamento amoroso.
Pág. 222 - *Para a gente **namorar**.*

NÃO.- adv. (séc. 1113).
Expressa negação.
Pág. 222- *Aqui eu **não** sou feliz.*

NOITE.- s. m. (séc. XIII).
Horário em que está escuro por falta da luz solar.
Pág. 222 - *Quando de **noite** me der.*

NUNCA.- adv. (séc. XIII).
Em nenhum tempo; jamais; em nenhuma circunstância.
Pág. 222 - *Da nora que **nunca** tive.*

PASÁRGADA.- s. Próprio topônimo

Cidade da Pérsia, antiga residência e tesouro dos reis da Pérsia, hoje ruínas de Murghab. Foi empregado pelo poeta Manuel Bandeira como o lugar mítico da Felicidade.

Pág. 222 - *VOU-ME EMBORA PRA **PASÁRGADA***

PAU-DE-SEBO.- s. m.
Árvore pequena; mastro de cocanha.
Pág. 222 - *Subirei no **pau-de-sebo**.*

PROSTITUTAS.- s. f. pl. (1841).

Mulher que exerce a prostituição (atividade institucionalizada que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais)

Pág. 222 - *Tem **prostitutas** bonitas.*

RAINHA.- s.f. (séc. XIII).
A soberana de um rei; a mulher (ou viúva) oficial de um rei.
Pág. 222 - ***Rainha** e falsa demente.*

REI.- s. m. (1101).

Chefe de Estado investido de Realeza; príncipe soberano de um reino; monarca; soberano.

Pág. 222 - *Lá sou amigo do rei.*

SEGURO.- adj. (séc. XIII).

Estável; fixo; inabalável.

Pág. 222 - *Tem um processo seguro.*

SER.- v. (938)

1. Ter ou apresentar-se em determinada condição ou situação, permanente ou temporária.

Pág. 222 - *Lá sou amigo do rei.*

2. Ter qualidade, característica ou propriedade intrínseca (referida ou mencionada por uma palavra ou expressão).

Pág. 222 - *Lá a existência é uma aventura.*

3. Haver; ter.

Pág. 222 - *É outra civilização.*

TELEFONE.- s. m. (1874).

Aparelho destinado a transmitir e reproduzir à distância o som da fala humana.

Pág. 222 - *Tem telefone automático.*

TER.- v. (1047).

1. Estar na posse, ser proprietário; possuir; usufruir.

Pág. 222 - *Lá tenho a mulher que eu quero.*

2. Existir; Haver.

Pág. 222 - *Em Pasárgada tem tudo.*

3. Haver; ocorrer.

Pág. 222 - *Tem um processo seguro.*

4. Existir; haver.

Pág. 222 - *Tem telefone automático.*

5. Possuir; haver.

Pág. 222 - *Tem alcalóide à vontade.*

TRISTE.- adj. (séc. XIII).

1. Desolado; sofredor.

Pág. 222 - *E quando eu estiver mais triste.*

2. Arrasado; infeliz.

Pág. 222- *Mas triste de não ter jeito.*

VIR.- v. (1101).

1. Chegar.

Pág. 222 - *Vem a ser contraparente.*

2. Em direção a ou até um local.

Pág. 222 - *Rosa vinha me contar.*

VONTADE.- s. f. (séc. XIII).

1. Fartura.

Pág. 222 - *Tem alcalóide à vontade*.

2. Desejo; querer.

Pág. 222 - **Vontade** *de me matar*.

Lembrando que esse levantamento será de extrema importância para os estudiosos de Manuel Bandeira, faz-se necessário, a valorização de um poema que foi o retrato de um grito no meio da dor e da solidão. “Vou-me Embora pra Pasárgada” não estava perto da vida que ele tinha e o induzia a fugir para “outra civilização”. Pasárgada era a fuga, a saída para um outro mundo, ainda que inexistente.

A doença o prendeu no repouso obrigatório. Com isso, “a vida que podia ter sido, e que não foi”, só lhe permitia saídas imaginárias. Mas Pasárgada seria também a poesia, que estava no seu itinerário, na sua adolescência e na sua dor. Pasárgada percorreu durante anos a vida “Bandeirana”.

Pasárgada tem seus momentos de volta à infância, tem seus momentos no amor que nunca o poeta deixou de ter, na vida boêmia e na vida saudável. Pasárgada era o desabafo do poeta. Talvez seja lá que o poeta “Maior” esteja hoje, pois aos seus oitenta e dois anos, Pasárgada veio buscá-lo para eternamente viver a vida que nunca conseguiu viver.

O encontro da inspiração é totalmente voltado para o sofrimento. Bandeira tem como âncora a sua dor. Sua poesia nasce do tédio e da solidão. Seu mundo foi criado a partir das palavras contidas na dor. O léxico desperta no leitor a arte de compreender a poesia, não o deixando anestesiado, pois os vocábulos carregam “múltiplas significações”. Estudar o léxico é uma mistura de “saber e sabor”, principalmente quando voltado para a obra de um “Poeta Maior”.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA, Brasileira de Letras. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A Academia, 1998.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo, criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1995.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

CUNHA, Euclides da. **A Lexicologia de os sertões: O vocabulário de Euclides da Cunha**. Florianópolis: Garapuvu, 2001.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Morfologia portuguesa**. Rio de Janeiro: IL, 2001 – texto digitado.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao Estudo do Léxico: Brincando com as Palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.

JUNQUEIRA, Ivan. **Testamento de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à Estilística**. São Paulo: EDUSP, 1989.

_____. **O Léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: EDUSP, 2001.